

# Assédio escolar e desigualdade de gênero: uma análise de discurso crítica de postagens com a hashtag #exposedfortal

*School harassment and gender inequality: a critical discourse analysis of posts featuring the hashtag #exposedfortal*

Renata Priscyla Conceição Costa <sup>1</sup>   
Júlio Araújo <sup>2</sup> 

## RESUMO

Este estudo examina a escola como um espaço de reprodução das desigualdades de gênero e da violência, por meio da análise interdiscursiva e intertextual dos discursos de estudantes em postagens com a hashtag #exposedfortal. Fundamentado na Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (1989, 2001, 2003), o artigo investiga como o assédio sexual nas escolas impacta a trajetória educacional das estudantes e reforça estruturas de dominação de gênero. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, com análise de postagens do Instagram coletadas entre 21 e 27 de junho de 2020, no contexto do movimento #exposedfortal, no qual vítimas denunciaram assédio e a divulgação não autorizada de imagens íntimas, o que mobilizou investigações e debates sobre violência de gênero. A análise revelou a persistência de discursos misóginos, que invisibilizam o assédio e reforçam estereótipos de gênero, além de empregar estratégias argumentativas que minimizam a gravidade da violência e evidenciam a não assunção da responsabilidade enunciativa por parte dos agressores. Esses discursos, amplificados pelo ambiente digital, demonstram que a misoginia continua sendo uma força argumentativa na sociedade, mesmo diante de esforços institucionais para combatê-la. O estudo conclui que a escola reflete e perpetua essas desigualdades, o que reforça a necessidade de políticas educacionais críticas e medidas institucionais eficazes para lidar com o assédio. A pesquisa busca contribuir para o enfrentamento do machismo, ao fomentar reflexões e ações que fortaleçam a equidade de gênero no ambiente escolar e na sociedade.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica. #exposedfortal. Desigualdades educacionais e escolares.

## ABSTRACT

This study examines the school as a space for the reproduction of gender inequalities and violence by conducting an interdiscursive and intertextual analysis of student discourse in posts featuring the hashtag #exposedfortal. Grounded in Fairclough's Critical Discourse Analysis (CDA) (1989, 2001, 2003), the article investigates how sexual harassment in schools affects the educational trajectories of female students and reinforces structures of gender domination. Methodologically, we adopt a qualitative approach, analyzing Instagram posts collected between June 21 and June 27, 2020, within the context of the #exposedfortal movement, in which victims reported harassment and the unauthorized dissemination of intimate images, prompting investigations and discussions on gender-based violence. The analysis reveals that misogynistic discourse persists, rendering harassment invisible and reinforcing gender stereotypes through argumentative strategies that downplay the severity of violence and reflect the perpetrators' refusal to assume enunciative responsibility. These discourses, amplified in digital environments, demonstrate that misogyny remains a structuring force in society, even in the face of institutional efforts to combat it. We conclude that schools not only reflect but also perpetuate these inequalities, underscoring the need for critical educational policies and effective institutional measures to address harassment. This study aims to contribute to the fight against misogyny by fostering critical reflection and promoting actions that strengthen gender equity within the school environment and society at large.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. #exposedfortal. Educational and School Inequalities

<sup>1</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza/CE, Brasil. E-mail: renatapricyla@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Fortaleza/CE, Brasil. E-mail: araujo@ufc.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O assédio contra mulheres é um tema frequente nas discussões sociais, exemplificado pelo recente caso de uma nutricionista assediada sexualmente em um elevador em Fortaleza<sup>3</sup>, o que intensifica debates sobre o crime de importunação sexual previsto no código penal. Com o advento das redes sociais, há um aumento na visibilidade e denúncia desses casos, especialmente envolvendo adolescentes do sexo feminino que denunciam pela internet. É importante notar que, mesmo diante de casos de violência contra mulheres, muitos discursos sociais desqualificam e questionam as vítimas.

O discurso de ódio ao feminino se manifesta em práticas sociais que reproduzem discursos sexistas e misóginos, demonstrando um padrão cultural onde o machismo subjuga mulheres e mantém hierarquias de gênero (Bonfim, 2020; De Silva, 2021). Esses discursos permeiam o ambiente escolar, corporificando-se e migrando para as redes sociais e vice-versa (Luiz, 2021; Iranzo-Cabrera, *et al*, 2024). A escola não apenas reflete, mas também potencializa as dinâmicas de gênero da sociedade, podendo perpetuar práticas sexistas tanto no espaço físico quanto no digital.

Recentemente, mulheres e adolescentes têm usado as redes sociais para se mobilizarem e enfrentarem atos de violência verbal, psicológica e microagressões (Barreto, 2023; Araújo, 2024; Araújo; Araújo, 2024). Essas plataformas se tornaram essenciais para expressarem suas vozes em uma sociedade que frequentemente lhes nega o direito de fala, sendo cruciais na luta por direitos e igualdade de gênero, como destaca Costa (2024).

Um exemplo é o movimento #meuprimeiroassedio, iniciado em 2015 no X (antigo Twitter), onde milhares de mulheres compartilharam experiências dolorosas de assédio sexual sofrido na infância. Esse movimento aumentou a conscientização sobre o assédio infantil. Outro movimento importante foi o #exposedfortal, que se destacou em 2020 em Fortaleza. Nele, mulheres, especialmente adolescentes, denunciaram assédios no ambiente escolar, destacando abusadores entre colegas e professores (Costa, 2024). Essas mobilizações são exemplos poderosos de como mulheres e adolescentes usam o espaço digital para desafiar injustiças e buscar mudanças significativas, consolidando suas posições na luta pela igualdade de gênero.

A realidade revelada pelo movimento #exposedfortal é apoiada pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019 do IBGE. Segundo a pesquisa, 14,6% dos escolares de 13 a 17 anos relataram ter sido tocados, manipulados, beijados ou expostos a partes do corpo contra sua vontade. O índice é especialmente preocupante entre as meninas, pois alcança 20,1%, mais do que o dobro do percentual observado entre os meninos (9,0%).

Conforme Silva *et al.* (2023), o assédio nas escolas se manifesta de diversas formas, como violência verbal, física e psicológica. A normalização do assédio torna a escola um lugar inseguro, com prejuízos significativos para o aprendizado. Essa desigualdade de gênero não apenas afeta o bem-estar emocional das meninas, mas também compromete seu desempenho acadêmico e perpetua as desigualdades de gênero na sociedade.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-sabemos-sobre-o-caso-do-homem-que-assediou-mulher-dentro-de-elevador-em-fortaleza/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

Este artigo tem como objetivo examinar a escola como um espaço de reprodução das desigualdades de gênero e da violência, por meio da análise interdiscursiva e intertextual dos discursos de estudantes em postagens com a hashtag #exposedfortal, a fim de compreender como diferentes práticas discursivas se articulam para naturalizar ou contestar essas dinâmicas no ambiente escolar. Especificamente, o estudo pretende analisar o impacto do assédio escolar na perpetuação das desigualdades de gênero e no desempenho acadêmico das alunas, com base na intertextualidade presente nos discursos das vítimas, que incorporam múltiplas vozes e experiências na construção discursiva sobre a violência de gênero. Além disso, busca investigar os diferentes tipos de violência de gênero que emergem nos discursos das vítimas e explorar a interdiscursividade entre discursos escolares, midiáticos e patriarcais, para compreender de que maneira esses discursos se entrelaçam ao reforçar ou desafiar estruturas desiguais.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: além desta introdução, por meio da qual construímos o nosso objeto de estudo, apresentamos a fundamentação teórica e discutimos a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) como base para entender como o assédio escolar sustenta desigualdades de gênero e afeta o desempenho acadêmico. Em seguida, exploramos o papel da escola na reprodução de desigualdades de gênero e violência. Depois, detalhamos a metodologia da pesquisa e explicamos os procedimentos para a construção e análise dos dados. Posteriormente, apresentamos e discutimos os resultados da análise. Finalmente, expomos as conclusões do estudo.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na fundamentação teórica deste artigo, iniciamos com a apresentação da ADC e a exploração de seus princípios e metodologias para compreender como as práticas discursivas refletem e perenizam relações de poder e ideologias sociais. Em seguida, examinamos a escola como um espaço de reprodução das desigualdades de gênero e da violência, investigamos de que maneira o ambiente escolar contribui para a manutenção ou contestação dessas disparidades. Essa abordagem permite articular uma compreensão crítica sobre o papel das instituições educacionais na formação das identidades de gênero e na perpetuação de estruturas sociais desiguais.

### 2.1 Análise de discurso crítica

A ADC é uma abordagem teórico-metodológica que investiga como o discurso estrutura e reproduz relações de poder na sociedade. Originada a partir da Linguística Crítica, a ADC se desenvolveu nos anos 1980 como um campo interdisciplinar influenciado pela sociolinguística, pela teoria crítica da Escola de Frankfurt e pelo pensamento foucaultiano sobre discurso e poder. Entre seus principais expoentes, Norman Fairclough consolidou a ADC como um instrumento para examinar criticamente os modos como a linguagem participa da constituição da ordem social e da manutenção de desigualdades (Fairclough, 1989, 2001, 2003).

Um dos conceitos centrais da ADC é o de discurso, que apresenta duas acepções fundamentais. Primeiro, o discurso é compreendido como uma dimensão da vida social, ou seja, como um componente que atravessa e estrutura todas as práticas humanas. Nesse sentido, Fairclough (2003) argumenta que o discurso não apenas reflete a realidade social, mas a constitui ativamente, sendo um elemento fundamental nas relações de

poder e na produção de significados. O segundo sentido de discurso diz respeito a um modo particular de representar o mundo, ou seja, às diferentes formas pelas quais grupos sociais constroem narrativas sobre a realidade, influenciadas por ideologias e estruturas de poder. Dessa maneira, a ADC examina como diferentes discursos não são apenas formas de comunicação, mas também mecanismos de sustentação e contestação da ordem social.

Fairclough (1989) propõe uma concepção dialética entre discurso e sociedade, ao enfatizar que a linguagem não pode ser compreendida isoladamente, mas sim em relação às estruturas sociais que a produzem e, ao mesmo tempo, são transformadas por ela. Assim, o discurso é tanto um reflexo quanto um agente de mudança social. Essa visão dialética permite compreender como as transformações discursivas podem reconfigurar as relações de poder e promover transformações estruturais. A abordagem de Fairclough se diferencia de análises estritamente linguísticas por integrar aspectos sociais, políticos e culturais e por examinar como o discurso reforça ou desafia normas estabelecidas.

O conceito de ideologia em Fairclough está intrinsecamente ligado a essa relação entre discurso e poder. Ele define ideologia como um conjunto de significados que estabelecem, mantêm e transformam relações de dominação (Fairclough, 2003). Nesse sentido, a ideologia não é apenas um reflexo das condições materiais da sociedade, mas um instrumento ativo na construção da hegemonia cultural. Para desenvolver essa concepção, Fairclough dialoga diretamente com John B. Thompson (1990) e se apropria dos modos de operação da ideologia propostos por Thompson. Esses modos incluem a legitimação, que justifica o poder por meio de discursos persuasivos; a dissimulação, que obscurece desigualdades estruturais; e a naturalização, que transforma significados socialmente construídos em verdades aparentes, o que os torna difíceis de contestar (Thompson, 1990). Fairclough incorpora esses elementos para argumentar que o discurso ideológico atua de maneira sutil e estrutura formas de pensar e agir que perpetuam desigualdades.

Ao articular discurso, ideologia e mudança social, a ADC oferece um instrumental teórico poderoso para investigar como as práticas discursivas reforçam ou desafiam estruturas de dominação. A visão dialética proposta por Fairclough (2003) permite não apenas compreender a reprodução do poder, mas também identificar pontos de resistência e transformação, ao demonstrar que mudanças discursivas podem ter impactos significativos na sociedade.

Considerando que as questões sociais emergem das construções discursivas, compreendemos que a ADC se destaca como uma abordagem eficaz para examinar textos e eventos em diversas práticas sociais. A ADC oferece uma base teórica robusta e métodos para descrever, interpretar e explicar a linguagem em contextos sócio-históricos, o que permite compreender como os discursos refletem e sustentam relações de poder, desigualdades e exclusões.

Em nosso trabalho, a ADC é fundamental, pois, conforme ressalta Fairclough (2001), ela contribui significativamente para debates sobre questões sociais como racismo (Macedo, 2022), discriminação de gênero (Lima; Bastos, 2020), controle e manipulação institucional, violência, e identidades nacional (van Dijk, 2008), auto-identidade e de gênero (Bento, 2013), além de exclusão social (Lima, 2020). A ADC busca desvendar as dinâmicas subjacentes a esses fenômenos e promover uma reflexão crítica sobre as estruturas que sustentam tais injustiças.

Conforme Fairclough (1989), a ideologia é um conjunto de ideias, valores e crenças que refletem e mantêm relações de poder na sociedade, expressa e legitimada por meio do discurso (Magalhães, 2005). Nesse sentido, a ADC investiga essas ideologias nos textos e examina como são formadas e estabelecidas através de escolhas linguísticas e estratégias discursivas (Araújo; Silva, 2024).

Thompson (1990) reconhece o caráter discursivo da ideologia, na qual significados são construídos e reconstruídos pela comunicação entre indivíduos nas práticas sociais. A ideologia sustenta as relações de dominação, minimiza conflitos sociais e desvia a busca por mudanças. Ela se manifesta em formas simbólicas – ações, falas, imagens e textos – que promovem a dominação de grupos minorizados e impõem ideias que sustentam a supremacia de um grupo sobre outro. Assim, as práticas discursivas e institucionais estão ligadas às relações de poder e interesses de classe.

Esse processo é chamado hegemonia. Conforme Eagleton (1997), trata-se de um processo contínuo que envolve renovação e defesas constantes, além de alianças entre forças sociais. Para manter a hegemonia, um grupo deve estabelecer liderança moral, política e intelectual, ao alinhar seus interesses aos da sociedade. A dominação ocorre não apenas pela coerção, mas também pela construção de consensos e influência cultural, que se enraíza nas práticas discursivas e institucionais. Mas, os discursos também podem destacar contradições e desafiar os posicionamentos hegemônicos. Williams (1979) define a contra-hegemonia como uma estratégia para evidenciar essas contradições e reverter as condições de marginalização impostas pelo capitalismo a amplos estratos sociais.

Fairclough (1989, 2001, 2003) propõe que a ADC é uma ferramenta teórico-metodológica valiosa para entender como discursos de violência e desigualdade de gênero são construídos e mantidos nas escolas. Essa abordagem examina como poder e ideologia se imbricam nos discursos que circulam nas escolas e em outros setores da sociedade. A ADC foca na relação entre discurso e poder e examina como os textos que materializam os discursos de assédio refletem e reforçam estruturas de poder. Essa questão é especialmente relevante no ambiente escolar, onde o discurso dos professores e a cultura institucional naturalizam dinâmicas de poder que marginalizam as meninas. Nesse contexto, uma análise crítica desses discursos permite evidenciar de que maneira o assédio se insere em um sistema mais amplo de controle e opressão, restringe suas oportunidades educacionais e reforça desigualdades estruturais.

Discutir ideologia e hegemonia é relevante porque incorpora experiências comunicativas de grupos historicamente oprimidos, incluindo as alunas de nosso estudo. No ambiente escolar, discursos de violência e desigualdade de gênero criam e reforçam relações de poder desiguais. As mulheres que usaram a hashtag #exposedfortal para denunciar assédios expõem contradições nas estruturas dominantes e desafiam discursos hegemônicos que culpabilizam as vítimas. Ao compartilhar experiências, essas estudantes desafiam os discursos que tradicionalmente silenciam suas vozes.

Fairclough (1989) utiliza os conceitos de ideologia e hegemonia para examinar como o discurso mantém as relações de poder na sociedade e destaca a articulação, difusão e legitimação das ideologias dominantes pela linguagem. Em função disso, através da ADC, é possível entender melhor as dinâmicas sociais e políticas presentes nos textos e discursos. Fairclough explora como o poder se manifesta através da linguagem em diversos contextos sociais. Segundo ele, “o poder, quer seja ‘no’ ou ‘por trás’ do discurso, jamais é definitivamente detido por uma única pessoa ou grupo social, pois o poder só pode ser

conquistado e exercido dentro e através de lutas sociais nas quais também pode ser perdido (Fairclough, 1989, p.43, tradução nossa<sup>4</sup>).

Compreender as relações de poder subjacente à hashtag #exposedfortal revela como as vozes dessas jovens são sistematicamente silenciadas em uma sociedade que preserva a violência de gênero. Nossa análise mostra que essas estudantes são vítimas de um discurso hegemônico que frequentemente as culpa pela própria violência, questionando suas ações, roupas e comportamentos. Esse discurso desvia a responsabilidade do agressor, culpa a vítima e reforça a ideia de que ela provocou ou mereceu a agressão. Assim, o ambiente escolar reproduz essas dinâmicas, normaliza a violência de gênero e impacta o bem-estar e o desempenho escolar das alunas.

Nesse contexto, as categorias de intertextualidade e interdiscursividade, conforme apontado por Fairclough (2001), são elementos fundamentais para entender os discursos que analisamos em nossa pesquisa. Segundo Fairclough (2003) nenhum enunciado surge de forma isolada uma vez que todos os textos contém elementos de outros discursos. Assim, a intertextualidade pode ser entendida como a presença de diferentes vozes em um texto, seja de maneira explícita ou implícita. Fairclough conceitua a intertextualidade como “a característica essencial dos textos de estarem repletos de trechos de outros textos, os quais podem ser identificados claramente ou misturados de forma sutil, podendo também ser assimilados, contrariados, refletidos com ironia, entre outras possibilidades” (Fairclough, 2001, p. 29).

Segundo Fairclough (2001), a intertextualidade é definida como uma qualidade intrínseca dos textos que permite a incorporação de fragmentos de outros textos. Esses fragmentos podem ser explícitos ou implícitos, independentes ou mesclados de maneira quase imperceptível. Além disso, essa característica permite que os textos absorvam, contradigam, ecoem ironicamente ou se relacionem de diversas outras formas, o que proporciona uma riqueza de significados e interpretações. Fairclough (1995) descreve duas formas de intertextualidade. A “intertextualidade manifesta” refere-se à presença explícita de outros textos, evidenciada por marcas visíveis na superfície do texto (p. 135). A “intertextualidade constitutiva” ou “interdiscursividade” envolve a integração complexa de formações discursivas e diz respeito à incorporação de valores, crenças e hábitos de um discurso em outro (p. 95).

No ambiente escolar, essas intertextualidades se manifestam nos discursos de assédio relatados por meninas e compartilhados na #exposedfortal. Longe de serem meramente individuais, esses discursos integram um contexto mais amplo de práticas culturais e sociais que continuam a legitimar a desigualdade de gênero. Ao ecoar discursos amplamente difundidos, frequentemente culpabilizam as vítimas e naturalizam a violência de gênero, o que evidencia como essas dinâmicas se entrelaçam e se reproduzem no tecido social. Assim, a partir da intertextualidade, é possível observar como essas jovens se conectam a discursos mais amplos de controle e dominação, o que revela as barreiras impostas por uma ordem social patriarcal. Considerando isso, a nossa análise segue a proposta de Fairclough, pois, em suas palavras,

A análise linguística possui uma natureza descritiva, enquanto a análise intertextual é mais interpretativa. As características linguísticas dos textos fornecem evidências que podem ser utilizadas na análise intertextual, e esta, por sua vez, constitui um tipo específico de

---

<sup>4</sup> Tradução livre do original em inglês: “power, whether it be 'in' or 'behind' discourse, is never definitively held by anyone person, or social grouping, because power can be won and exercised only in and through social struggles in which it may also be lost” (Fairclough, 1989, p.43).

interpretação dessas evidências – uma interpretação que situa o texto em relação aos repertórios sociais de práticas discursivas, ou seja, às ordens do discurso (Fairclough, 1995, p. 61, tradução nossa<sup>5</sup>).

Dessa forma, a ADC (Fairclough 1989, 2001, 2003) oferece uma abordagem metodológica para a compreensão de como os discursos de ódio e desigualdade de gênero são construídos e mantidos no contexto escolar, o que permite a análise de como o poder e a ideologia estão imbricados nos discursos que circulam no espaço escolar. Ao focar na relação entre discurso e poder, a ADC revela como os textos, a exemplo dos discursos de assédio compartilhados com a #exposedfortal refletem e reforçam estruturas de poder.

## 2.2 A escola como espaço de reprodução das desigualdades de gênero e violência

O patriarcado é um sistema de dominação e subordinação no qual, historicamente, as mulheres são subjugadas. Elas são vistas como objetos dos homens, destinadas à procriação e à satisfação sexual. Segundo Cunha (2014), essa concepção se baseia na construção social de gênero, que estabelece papéis distintos para homens e mulheres, refletindo na divisão social e sexual do trabalho.

A escola desempenha um papel crucial na formação dos sujeitos, devendo promover valores de igualdade e respeito. No entanto, o processo educacional frequentemente reforça estereótipos de gênero, padroniza comportamentos e diferencia meninos e meninas. Louro (2001) destaca que práticas naturalizadas na escola, como a separação por sexo em atividades e a limitação de brinquedos, fortalecem esses estereótipos. Isso molda expectativas e comportamentos de forma desigual, diferencia e hierarquiza os papéis de gênero.

As práticas sexistas na escola impactam profundamente as estudantes e influenciam tanto seu bem-estar emocional quanto seu desempenho acadêmico. Menezes (2013) argumenta que, enquanto meninas são incentivadas a adotar comportamentos passivos e submissos, os meninos são estimulados a desenvolver uma postura dominante e independente. Essa diferenciação não apenas reforça desigualdades de gênero, mas também condiciona meninas a ocuparem papéis restritos ao espaço privado, ao mesmo tempo em que prepara os meninos para assumir posições de liderança no âmbito público.

Desse modo, ao impor a diferenciação de papéis de gênero desde cedo, a escola pode ser um ambiente propício à violência de gênero, incluindo o assédio sexual. Nossos dados mostram que meninas têm denunciado tais abusos por meio da hashtag #exposedfortal, o que evidencia como a escola pode reforçar desigualdades entre os gêneros.

Isso acontece porque, apesar dos avanços na conquista de direitos pelas mulheres, a estrutura patriarcal permanece. Essa dominação, muitas vezes sutil, continua a influenciar a sociedade, como demonstrado pela criminalização do aborto, que reflete o controle sobre os direitos reprodutivos das mulheres. Pedro e Guedes (2010) apontam que

<sup>5</sup> Tradução livre do original em inglês: "Linguistic analysis is descriptive in nature, whereas intertextual analysis is more interpretative. Linguistic features of texts provide evidence which can be used in intertextual analysis, and intertextual analysis is a particular sort of interpretation of that evidence – an interpretation which locates the text in relation to social repertoires of discourse practices, i.e. orders of discourse (Fairclough, 1995, p. 61).

concepções tradicionais de gênero perpetuam a ideia de que mulheres devem ser cuidadoras e homens solucionadores de problemas.

A violência de gênero se manifesta de diversas formas, incluindo agressões verbais, físicas, psicológicas e sexuais. Almeida (2007) destaca que o termo violência de gênero é abrangente, pois se origina de interações sociais e históricas e não se limita ao ambiente familiar. Essa categoria analítica permite compreender melhor as complexas relações sociais e as múltiplas desigualdades que afetam as mulheres, levando em conta a ordem simbólica das relações de poder.

As mulheres são as principais vítimas de violência, que se manifesta tanto no âmbito privado quanto nos espaços públicos e de trabalho. Historicamente, essa violência é direcionada aos corpos femininos e resulta das desigualdades de poder na sociedade, o que exige uma perspectiva que não culpe a mulher. A violência de gênero reflete a dominação sobre os corpos, a sexualidade e a mente das mulheres, enraizada em estruturas sociais e patriarcais que mantêm desigualdades. Nos relacionamentos íntimos, essa violência pode se manifestar simbolicamente e fisicamente como forma de controle. Segato (2003) destaca a violência moral como uma agressão emocional que fundamenta outras formas de violência, manifestada por gestos e atitudes que desqualificam e intimidam as mulheres.

Além do espaço privado, a violência de gênero aparece em contextos públicos, incluindo assédio sexual, estupro, violência no trabalho, tráfico de pessoas e mutilação genital feminina. Essas ações buscam subordinar as mulheres, prejudicando sua segurança e autonomia, e são frequentemente ignoradas pelas instituições educacionais. Junqueira (2009) menciona que a escola é permeada pela "pedagogia do insulto", que se expressa através de piadas e insinuações desqualificantes e atua como um mecanismo de silenciamento. O assédio escolar é, muitas vezes, tratado como "brincadeira" ou "coisa de homem", o que normaliza a desvalorização das meninas. A pesquisa de Costa (2024) revela que, por meio da hashtag #exposedfortal, adolescentes compartilham experiências de assédio e se sentem silenciadas e culpadas pela sociedade, o que dificulta a busca por ajuda e justiça.

A preservação dessas violências dentro da escola, que deveria ser um espaço de emancipação, demonstra como as instituições educacionais ainda estão pautadas em modelos tradicionais que reforçam hierarquias de gênero. O sexismo, muitas vezes naturalizado nas práticas escolares, sustenta as bases de uma sociedade patriarcal, conforme argumenta Louro (2014). Dessa forma, para romper essa barreira, é necessário reconhecer que a escola é um espaço no qual há práticas reprodutoras de desigualdades de gênero.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para investigar os impactos do assédio sofrido por meninas no ambiente escolar, com ênfase tanto no desempenho educacional das estudantes quanto na geração de desigualdades, adotamos uma abordagem qualitativa de pesquisa (Paiva, 2019). Essa abordagem nos permitiu explorar profundamente as experiências individuais e contextuais das alunas. Nesse contexto, optamos por utilizar as categorias de interdiscursividade e intertextualidade como ferramentas principais para a análise (Fairclough, 2001; 2003). Como dissemos antes, ambas as categorias foram essenciais para identificar e interpretar

as conexões entre textos e discursos, revelando como essas ligações contribuem para a perenização ou contestação das violências de gênero no ambiente escolar.

Em nossa pesquisa, essas categorias foram utilizadas para analisar como os discursos das estudantes são moldados por discursos institucionais que podem, direta ou indiretamente, sustentar a violência de gênero e reforçar estereótipos que impactam o desempenho escolar das alunas. A análise das produções discursivas das estudantes busca evidenciar como os relatos de assédio se alinham a discursos mais amplos de gênero, poder e educação.

### 3.1 Processo de construção de dados

A construção de dados foi realizada na rede social Instagram, com foco nas postagens que utilizaram a hashtag #exposedfortal durante o período de maior busca por essa hashtag na internet, conforme indicado pela ferramenta Google Trends<sup>6</sup>. Esse período, de 21 a 27 de junho de 2020, correspondeu ao auge da repercussão das denúncias, exatamente quando as postagens selecionadas foram compartilhadas.

Selecionamos, para nossa amostra, duas publicações em vídeo na referida rede social que foram identificadas com a hashtag #exposedfortal. Essas publicações apresentam mulheres que compartilham suas experiências relacionadas a abusos e assédios. A escolha dessas publicações baseou-se em sua posição como os primeiros resultados na ferramenta de exploração do Instagram, um fator que consideramos relevante para nossa análise.

A primeira publicação escolhida é oriunda de um perfil pessoal de uma jovem, que é configurado como público. A segunda, por sua vez, provém do perfil público de um coletivo de mulheres, conhecido como Grupo Estudantil de Empoderamento Feminino (GEEF). Com base no conteúdo dessas publicações, elaboramos um conjunto de análises, o que incluiu a transcrição dos vídeos correspondentes. Para facilitar esse processo, utilizamos a versão gratuita do aplicativo Transkriptor<sup>7</sup>, que possibilitou uma execução automatizada das transcrições. Assim, pudemos realizar a análise de trechos dessas transcrições, por meio dos quais evidenciamos as violências de gênero manifestas por meio da interdiscursividade e da intertextualidade.

### 3.2 Análise dos dados

Nesta seção, realizamos a análise dos dados com base na ADC proposta por Fairclough (2001, 2003), com foco nas categorias de interdiscursividade e intertextualidade. Essa análise nos permitiu compreender como os discursos presentes evidenciam práticas discursivas que reproduzem desigualdades de gênero e impactam o desempenho escolar das estudantes.

#### 3.2.1 Análise do discurso 1

<sup>6</sup> Pico de buscas pela hashtag #exposedfortal. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205y&geo=BR&q=%23exposedfortal&hl=pt-BR>.

<sup>7</sup> O *Transkriptor* é um software de transcrição online que utiliza inteligência artificial. A versão gratuita tem tempo limitado, enquanto a versão paga oferece recursos extras e transcrições ilimitadas para reuniões no Zoom, podcasts e arquivos longos. Disponível em: <https://app.transkriptor.com>.

Nos trechos extraídos do discurso 1, observa-se a presença de intertextualidades que revelam a perspectiva individual da narradora em relação a outras vozes, especialmente quando menciona a hashtag #exposedFariasBrito<sup>8</sup>. Ao evocar diferentes vozes por meio dessas hashtags, a narradora enriquece sua denúncia e conecta suas experiências pessoais às de outras meninas que também foram vítimas durante o período em que frequentavam a escola citada nas denúncias. Ao analisar as vozes presentes nos relatos das mulheres que sofreram violência de gênero no contexto da hashtag #exposedfortal, conseguimos compreender as ideologias e práticas dominantes que emergem desses discursos.

O relato a seguir ilustra como a narradora é impactada pelos discursos machistas ao descrever as experiências de assédio vivenciadas por meninas na escola.

#### Excerto 01

*"E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós, meninas, começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer. Nesse momento a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente [...] E depois do meu ensino médio, quando a gente começa a mudar, que nós, meninas, começamos a mudar, que nosso corpo começa a criar formas mais femininas e a gente de fato começa a amadurecer. Nesse momento a gente começa a ser vista pelos professores de uma forma diferente"*

Quando ela menciona isso, a narradora enfatiza a transformação física das adolescentes como um marco de mudança na forma como são percebidas dentro do ambiente escolar. Essa mudança corporal, embora natural, não ocorre isoladamente, mas em um contexto social e discursivo no qual a feminilidade é constantemente sexualizada e reificada. Ao descrever a transição para um corpo socialmente reconhecido como mais feminino, a narradora sugere que essa transformação desencadeia um olhar diferente por parte dos professores, que passam a percebê-las não mais como crianças, mas como sujeitos cujos corpos podem ser avaliados, julgados e, frequentemente, assediados.

No caso desse relato, há uma intertextualidade constitutiva que evidencia a incorporação de discursos sociais mais amplos sobre gênero, maturidade e sexualidade. A ideia de que o amadurecimento feminino está diretamente ligado à transformação corporal, e não a aspectos cognitivos ou emocionais, revela a internalização de discursos patriarcais que historicamente reduzem a identidade feminina à sua corporeidade e à forma como essa corporeidade é percebida pelos outros, sobretudo por figuras de autoridade masculina, como os professores.

A fala analisada evidencia uma forte interdiscursividade entre discursos escolares, midiáticos e patriarcais e demonstra como diferentes redes discursivas operam conjuntamente para naturalizar a ideia de que o desenvolvimento corporal das meninas transforma sua experiência escolar. Essa interdiscursividade se manifesta na maneira como a estudante articula a mudança corporal à mudança na percepção dos professores, sem questionar os regimes discursivos que estruturam essa transformação de olhar.

Em primeiro lugar, há uma clara influência do discurso escolar, pois a estudante se ancora na experiência do ensino médio como um marco temporal. A referência à escola como espaço em que ocorrem essas mudanças sugere que a própria instituição participa da construção de significados em torno do crescimento das alunas. O fato de a mudança na percepção ocorrer no ambiente escolar aponta para normas tácitas que regulam comportamentos e interações, tornando aceitável que professoras e professores passem a olhar as alunas de forma diferenciada com base em seu desenvolvimento físico.

<sup>8</sup> Essa hashtag denuncia o nome de uma escola particular localizada na cidade de Fortaleza, Ceará.

O discurso midiático atravessa a fala pela associação entre maturidade e feminilidade. A expressão “*nosso corpo começa a criar formas mais femininas*” evidencia a internalização de padrões midiáticos que vinculam crescimento à conformação de um corpo normativamente feminino, reforçando modelos de gênero amplamente disseminados na cultura visual e na publicidade. A ideia de que a maturidade está atrelada à aparência física reforça discursos amplamente circulantes em filmes, séries e redes sociais, nos quais a feminilidade passa a ser vista como um atributo central da identidade das mulheres.

Já o discurso patriarcal se manifesta na relação que a estudante estabelece entre sua transformação corporal e o olhar malicioso dos professores. A mudança na percepção dos docentes é apresentada como algo natural e inevitável, sem qualquer problematização, o que evidencia a incorporação da objetificação do corpo feminino no modo como as próprias alunas narram sua experiência. Esse discurso patriarcal estrutura a escola como um espaço em que o olhar masculino, mesmo que institucionalmente mediado, assume um papel central na definição da identidade das alunas.

O efeito naturalizador dessa interdiscursividade emerge pelo modo como a estudante reproduz essa correlação sem questioná-la. A repetição da expressão “*quando a gente começa a mudar*” reforça a ideia de um processo inevitável, construído como um rito de passagem que não pode ser evitado. Esse efeito é produzido pela articulação entre os discursos escolares, midiáticos e patriarcais, que convergem para solidificar a ideia de que o corpo feminino em transformação passa a ocupar um novo lugar social e altera as dinâmicas de poder dentro da escola. Assim, a aluna reconhece essa mudança de percepção como um divisor de águas em sua experiência escolar, sem necessariamente perceber os discursos que sustentam essa transformação.

A análise discursiva crítica permite compreender que essa fala não apenas descreve uma experiência individual, mas evidencia um processo discursivo mais amplo, no qual redes de práticas sociais operam para reproduzir desigualdades de gênero dentro do ambiente escolar. A naturalização desse olhar diferenciador sobre as alunas não é um reflexo espontâneo da realidade, mas um efeito discursivo construído pela intersecção entre os discursos escolares, midiáticos e patriarcais.

Dessa forma, o excerto discursivo da vítima exemplifica como a interdiscursividade pode operar na reprodução de desigualdades de gênero e demonstra que o ambiente escolar não é neutro, mas um espaço de disputa discursiva onde normas sociais sobre feminilidade e masculinidade são reiteradas e, em muitos casos, usadas para justificar violências simbólicas e concretas contra meninas e adolescentes. Essa ideia é ilustrada pelas atitudes inadequadas dos professores, evidenciadas em trechos como:

**Excerto 02**

*“aquele abraço mais apertado que enganchava o peito, aquele abraço na cintura que a mão descia pra bunda, pro começo ali da bunda”.*

Essa alteração na percepção reflete uma normalização do assédio, que se relaciona com os argumentos de Simone de Beauvoir (1960) sobre a maneira como a sociedade patriarcal vê e trata as mulheres como “outro” em relação aos homens. Além disso, a intertextualidade se manifesta quando a narradora critica a abordagem das escolas em relação à educação e afirma:

**Excerto 03**

*"Eh... escolas a responsabilidade de vocês não é só passagem de vestibular, não é só preparar a gente pra Enem. Acho que a responsabilidade de vocês é de formar cidadãos."*

Nesse fragmento discursivo, a estudante ressalta que muitas instituições educacionais priorizam a aprovação no ENEM e deixam em segundo plano valores sociais que deveriam ter a mesma importância. Essa crítica se reforça com o marketing adotado por diversas escolas, que enfatiza o número de alunos aprovados no exame e evidencia a preferência por uma educação voltada para resultados acadêmicos em detrimento do desenvolvimento de habilidades interpessoais.

A partir dessa análise, o discurso mobilizado sugere que a escola é um espaço de disputas de poder, no qual interesses e posições se confrontam continuamente, o que a configura como um cenário de "lutas hegemônicas" (Fairclough, 2003). Dentro desse contexto, são evidentes também elementos dos discursos educacionais sobre o papel do professor. Este é frequentemente visto como alguém responsável por educar não apenas intelectualmente, mas também moralmente. A figura do professor é muitas vezes comparada a uma extensão da família e simboliza uma autoridade de confiança, tal como expressa na afirmação:

**Excerto 04**

*"Professor tem que defender a gente."*

Com isso, a narradora enfatiza que os educadores têm a obrigação de proteger seus alunos e alunas, devendo evitar comportamentos inadequados, incluindo o assédio sexual. Assim, a intertextualidade presente no discurso revela as complexas relações de poder que permeiam o ambiente escolar e o impacto negativo do assédio nas vidas das alunas.

### 3.2.2 Análise do discurso 2

No discurso 2, publicado pelo coletivo feminista "juntascomgeef", a narradora inicia sua apresentação revelando seu nome e se identificando como cofundadora do grupo. Ela enfatiza que seu vídeo é uma nota de repúdio e indica a presença de outras vozes, que incluem as mulheres que fazem parte do coletivo e jovens que também foram vítimas de assédio. Portanto, realizamos uma análise que busca compreender as ideologias e práticas dominantes emergentes dos relatos, seguindo a discussão proposta por Fairclough (2003).

A polifonia da qual se constitui os fragmentos discursivos traz à tona as vozes de outras mulheres ao mencionar que fizeram uma nota de repúdio relacionada ao mesmo tipo de violência na cidade de Fortaleza, indicando a persistência e a disseminação dessa prática criminosa ao longo do tempo. Isso é percebido através da intertextualidade com outras notas de repúdio postadas pelo coletivo:

**Excerto 05**

*"a gravidade também se diz em respeito à recorrência que tudo isso aconteceu, porque há menos de dois meses atrás, nós temos também uma nota de repúdio também emitida sobre os casos de assédio sexual e abuso ocorridos em Fortaleza, também exposto nas redes sociais. Isso é muito assustador, porque a gente fala, fala, fala sobre isso e as coisas continuam acontecendo porque as pessoas simplesmente não se dão a disponibilidade de escutar e entender a gravidade de tudo" [...]*

*"As pessoas que praticam isso são pessoas conhecidas, e os perpetradores de abuso sexual e assédio não se encaixam somente na imagem de 'monstros'." [...]*

"O que acontece é que, junto com essa fala jocosa dos meninos sobre tudo isso, se defendendo e tudo mais... Olha, as pessoas têm todo o direito de se defender, o Código, a Constituição, assume que todo mundo é inocente até que se prove o contrário, mas existem coisas chamadas provas: tem números, tem fotos. Eu tenho conceitos, e todos vocês têm acesso a tudo isso. E eles tratam de uma forma jocosa, como se tudo fosse dar certo e eles não tivessem consequências nenhuma." [...]

"Esses menores de idade não estão praticando nenhum crime, mas eles estão praticando ato infracional que é análogo ao crime. E, se eles tivessem mais de 18 anos – porque alguns deles têm –, estariam infringindo o crime contra a dignidade sexual, que está no artigo 218 do Código Penal."

A análise desse excerto discursivo evidencia a maneira como os discursos sobre assédio e violência de gênero são estruturados e ressignificados no contexto escolar. A vítima articula sua fala ao incorporar elementos de discursos jurídicos, midiáticos e de denúncia social e constrói um enunciado que não apenas relata a experiência pessoal, mas também a insere em uma rede discursiva mais ampla.

A intertextualidade manifesta pode ser observada, por exemplo, na referência explícita ao Código Penal e à Constituição, que sustentam a noção de presunção de inocência e a tipificação dos atos infracionais e crimes sexuais. A menção ao artigo 218 do Código Penal evidencia um deslocamento da narrativa individual para um discurso jurídico que confere legitimidade à denúncia e insere o relato no campo institucional do direito. Além disso, a referência à "nota de repúdio" anteriormente publicada constitui outro exemplo de intertextualidade manifesta, pois alude diretamente a um documento anterior que já denunciava casos semelhantes e mostra a reincidência da violência e a ineficácia das respostas institucionais.

Por outro lado, a interdiscursividade (ou intertextualidade constitutiva) é perceptível na maneira como diferentes formações discursivas se entrelaçam ao longo do trecho. O enunciado da vítima não apenas expõe um relato pessoal, mas também dialoga com discursos jurídicos, educacionais e midiáticos que circulam socialmente. O discurso jurídico aparece na caracterização dos atos praticados pelos agressores e diferencia o ato infracional cometido por menores de idade do crime praticado por adultos. O discurso midiático, por sua vez, está presente na menção à exposição de casos de assédio nas redes sociais, o que sugere um tensionamento entre a visibilidade pública das denúncias e a persistência da impunidade. Já o discurso educacional pode ser identificado na crítica ao ambiente escolar, que, ao invés de oferecer um espaço seguro de aprendizado, se torna um lugar onde o assédio é banalizado e tratado de forma jocosa pelos agressores.

Outro aspecto relevante é a maneira como a narradora desconstrói estereótipos sociais amplamente difundidos. Ao afirmar que os perpetradores "não se encaixam somente na imagem de 'monstros'", ela questiona a representação midiática e social dos abusadores como figuras excepcionalmente perversas e distantes da convivência cotidiana. Esse deslocamento discursivo evidencia como a violência de gênero é frequentemente praticada por pessoas comuns, muitas vezes dentro da própria comunidade escolar, o que reforça a naturalização do problema e a dificuldade de enfrentamento institucional.

Além disso, a intertextualidade manifesta se mescla com a interdiscursividade quando a narradora menciona a resposta dos agressores diante das acusações: a "fala jocosa" dos meninos que minimizam as denúncias e tratam a situação com desdém. Esse trecho evidencia a incorporação de um discurso patriarcal mais amplo, que banaliza a violência de gênero e deslegitima as vozes das vítimas. A postura dos agressores ressoa discursos históricos que relativizam o assédio e responsabilizam as mulheres por sua própria vitimização, o que reforça uma cultura de impunidade e silenciamento.

Dessa forma, a análise do enxerto 05 sob a ótica de Fairclough (2003) revela como a fala da vítima não apenas denuncia uma experiência individual, mas também se insere em um campo discursivo mais amplo, no qual diferentes vozes e formações discursivas interagem. A intertextualidade manifesta evidência as conexões explícitas com discursos jurídicos e institucionais, enquanto a interdiscursividade demonstra como valores, crenças e práticas culturais são incorporados e tensionados dentro do relato. Essa dinâmica discursiva revela não apenas a recorrência da violência de gênero no ambiente escolar, mas também os desafios enfrentados na busca por responsabilização e transformação social.

O quadro, subsequente, esclarece como os discursos articulam diversos tipos de violência de gênero, abrangendo desde a violência sexual até a violência psicológica e institucional. Esse processo revela a complexidade e a gravidade das práticas violentas que ocorrem no ambiente escolar, bem como suas significativas repercussões no desempenho educacional das estudantes.

**Quadro 1:** Análise dos dados dos discursos 1 e 2

CATEGORIAS	DISCURSO 1	DISCURSO 2
<b>Intertextualidade</b>	Referências a outras hashtags (#exposedFariasBrito) evocam vozes de outras vítimas e ampliam a denúncia.	Referências a notas de repúdio anteriores e à recorrência de denúncias de assédio em Fortaleza.
<b>Interdiscursividade</b>	Crítica ao discurso institucional das escolas, que priorizam vestibulares e negligenciam a formação cidadã. Recurso ao discurso machista para expor a culpabilização das vítimas.	Integração do discurso jurídico (art. 218 do Código Penal) para destacar a gravidade do assédio e desmistificar a impunidade. Desconstrução do discurso maniqueísta que demoniza os agressores.
<b>Tipos de Violência de Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Violência Sexual:</b> Assédio sexual cometido por professores, com foco no uso do corpo feminino como objeto de desejo.</li> <li>- <b>Violência Psicológica:</b> Culpabilização da vítima, com a sugestão de que o comportamento das meninas incita o assédio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Violência Sexual:</b> Assédio e abuso sexual, com ênfase na recorrência desses crimes em escolas e na impunidade dos agressores.</li> <li>- <b>Violência Psicológica:</b> Minimização das denúncias pelas autoridades e pela sociedade, além da normalização do assédio como entretenimento para jovens de classes sociais privilegiadas.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Nos discursos 1 e 2, identificam-se diferentes formas de violência de gênero que refletem as dinâmicas de poder e controle presentes nesse espaço educacional. No discurso 1, predomina a violência sexual, manifestada através do assédio perpetrado por professores que objetificam o corpo feminino. Essa objetificação não só reduz as estudantes a meros corpos, mas também perpetua um ambiente de intimidação e medo. Além disso, o discurso revela a ocorrência de violência psicológica, evidenciada pela culpabilização das vítimas; essa perspectiva insidiosa sugere que o comportamento das meninas seria, de alguma forma, responsável por incitar o assédio, o que contribui para a desumanização e o silenciamento das vítimas.

Por outro lado, o discurso 2 também expõe a violência sexual, que se apresenta sob a forma de assédio e abuso reiterados, com especial ênfase na impunidade frequentemente desfrutada pelos agressores, tanto dentro quanto fora das instituições educacionais. Essa impunidade não apenas encoraja comportamentos abusivos, mas

também mantem a sensação de insegurança entre as estudantes. Além disso, esses discursos também evidenciam a violência psicológica, pois a sociedade minimiza as denúncias, o que reflete a normalização do assédio e mitiga a seriedade do problema. Essa banalização das experiências de assédio contribui para um ciclo vicioso de opressão e sofrimento, o que dificulta a recuperação e o empoderamento das vítimas.

Portanto, ao considerar essas nuances e evidências, é possível perceber que a violência de gênero, em suas múltiplas manifestações, não se restringe a atos isolados, mas está profundamente entrelaçada às estruturas sociais e educacionais que perpetuam desigualdades. A compreensão dessas dinâmicas é fundamental para promover mudanças e garantir um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para todas as estudantes.

## 4 CONCLUSÃO

Com base na análise dos discursos compartilhados sob a hashtag #exposedfortal na rede social Instagram, este artigo atingiu seus objetivos ao evidenciar como as práticas de violência de gênero se manifestam no ambiente educacional. Essas práticas não somente comprometem o bem-estar psicológico das estudantes, mas também influenciam negativamente seu desempenho escolar. Ao empregar a ADC, especialmente por meio das categorias de interdiscursividade e intertextualidade, foi possível identificar como os discursos analisados expõem práticas que culpam as vítimas e ressaltam a impunidade dos agressores.

Os discursos estudados revelam que o assédio sexual nas escolas não é um fenômeno isolado; pelo contrário, integra uma estrutura social mais ampla que legitima desigualdades de gênero e normaliza a violência contra as mulheres. O discurso machista, que frequentemente permeia o ambiente escolar, contribui para a invisibilização dessas práticas, coloca as vítimas em situações de vulnerabilidade e deslegitima suas denúncias. Além disso, a crítica ao papel das instituições educacionais destaca como a priorização de resultados, como as aprovações no ENEM, tende a negligenciar uma formação integral das/os estudantes e relega questões cruciais, como cidadania, respeito e igualdade de gênero, a um segundo plano.

Os diversos tipos de violência de gênero identificados, incluindo a violência sexual e a psicológica, reiteram a urgência de romper com essas práticas nocivas. No contexto das escolas, que representam espaços fundamentais para a formação de indivíduos, torna-se essencial que se implementem políticas orientadas à igualdade de gênero e que se enfrentem de maneira efetiva as denúncias de assédio.

Através deste estudo, que proporciona visibilidade às vozes das estudantes que sofreram assédio, conseguimos não apenas compreender as dinâmicas de poder presentes nas escolas, mas também evidenciar de que maneira essas violências impactam diretamente o desempenho escolar e a trajetória educacional dessas jovens.

As questões relacionadas a algoritmos e inteligência artificial (IA) emergem como áreas promissoras para a continuação desta pesquisa, especialmente quando se considera seu impacto no assédio e na violência contra as mulheres. A crescente utilização de plataformas digitais para denúncias, como os discursos publicados sob a hashtag #exposedfortal, abre espaço para investigar como os algoritmos moldam a visibilidade dessas vozes e a disseminação de conteúdos relacionados à violência de gênero.

Pesquisas futuras poderiam aprofundar a dinâmica pela qual os algoritmos priorizam ou marginalizam discursos, o que impacta diretamente a capacidade das vítimas de se expressarem e encontrarem apoio. A partir do conceito de necroalgoritmização (Araújo, 2025), seria relevante examinar como os sistemas de IA e as políticas de moderação de conteúdo não apenas filtram ou amplificam determinados discursos, mas também podem operar como dispositivos de exclusão e silenciamento algorítmico, o que reforça desigualdades estruturais. Nesse sentido, ao se analisar a governança das plataformas digitais, torna-se fundamental investigar de que maneira a IA pode contribuir para a perpetuação da violência de gênero, seja ao invisibilizar relatos essenciais, seja ao favorecer discursos que deslegitimam as experiências das mulheres. Assim, a interseção entre algoritmos, IA e questões de gênero não apenas evidencia um campo de estudo emergente, mas também oferece subsídios para compreender como as práticas de assédio são mediadas e, muitas vezes, naturalizadas nos espaços digitais e acadêmicos, o que aponta para a necessidade de políticas mais equitativas e eficazes no combate à violência algorítmica e social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. S. de. Essa violência mal-dita. In: ALMEIDA, S. S. de. (Org.) **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007. p. 23-41.

ARAÚJO, J. **Necroalgoritmização**: notas para definir o racismo algorítmico. Campinas: SP: Mercado de Letras, 2025 (no prelo).

ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e microagressões nas redes sociais. **Domínios de Linguagem**, v. 18, p. e1849, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/DLv18a2024-49>. Acesso em: 10 out. 2024.

ARAÚJO, J. e ARAÚJO, J. Racismo algorítmico e inteligência artificial: uma análise crítica multimodal. **Revista Linguagem em Foco**, v. 16, n. 2, p. 89-109, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46230/lef.v16i2.13108>. Acesso em: 09 out. 2024.

BARRETO, L. **Discursos de ódio contra negros nas redes sociais**. Rio de Janeiro: Pallas, 2023. BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. (Publicado originalmente em 1949).

BENTO, A. L. Análise de discurso crítica, poder e construção de identidades. **Revista Fórum Identidades**, v.13, p. 261-276. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1717>. Acesso em: 2 fev. 2025.

BONFIM, F. G. Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 13, p. 9-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35256>. Acesso em: 27 ago. 2024.

COSTA, R. P. C. **A construção discursiva da identidade feminina**: uma análise dos relatos revelados a partir do movimento da hashtag #exposedfortal. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

CUNHA, B. M. da. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado**: perspectivas de combate à violência de gênero. 2014. Disponível em: <https://direito.ufpr.br/portal/wp->

[content/uploads/2014/12/Artigo-Bárbara-Cunha-classificado-em-7º-lugar.pdf](#). Acesso em: 14 out. 2024.

DE SILVA, A. Hate speech against women: addressing a democratic crisis. **Governing During Crises Policy Brief**. v. 15, p. 2-14, 2021. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/5abb53e6372b9691939ac577/t/6135b401f1416e7c12a9b7ce/1630909451951/GDC+Policy+Brief+15\\_Women+Hate+Speech\\_final+%5B07.09.21%5D.pdf](https://static1.squarespace.com/static/5abb53e6372b9691939ac577/t/6135b401f1416e7c12a9b7ce/1630909451951/GDC+Policy+Brief+15_Women+Hate+Speech_final+%5B07.09.21%5D.pdf). Acesso em: 2 fev. 2025.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. 2ª ed., Harlow: Longman, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. Nova Iorque: Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

IRANZO-CABRERA, M. *et al.* Journalists' ethical responsibility: tackling hate speech against women politicians in social media through natural language processing techniques. **Social Science Computer Review**, p. 1–19, 2024, Disponível: <http://hdl.handle.net/10251/210287>. Acesso em: 15 set. 2024.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas escolas**: um problema de todos. In: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO. 2009

LIMA, F. F.; BASTOS, L. C. Entre a análise crítica do discurso e a análise da narrativa: gênero e desigualdades sociais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.21, p.181-202. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v21i2.26581>. Acesso em: 27 ago. 2024.

LIMA, F. F. Uma longa história de exclusão social: a representação discursiva da pobreza no noticiário do jornalismo impresso paulista. **Entretextos**, v. 20, n. 1, p. 113–142, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2020v20n1p113>. Acesso em: 27 ago. 2024.

LOURO, G. L (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LUIZ, F. A. de S. **Silenciamento da violência contra a mulher**: relatos e resistência na escola. (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MACEDO, L. B. Enegrecendo os estudos críticos discursivos: contribuições epistemológicas afroperspectivistas para o campo da Análise Crítica do Discurso no Brasil. **Trab. Ling. Aplic.** v. 61, p. 251-264, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318139561411520210310>. Acesso em: 27 ago. 2024.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA**, v. 21, p.1-9, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>. Acesso em: 27 ago. 2024.

MARCOS, P. S. M. P. **Comunicação contra-hegemônica com perspectiva emancipatória: experiências argentinas e brasileiras no século XXI**. 2021. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

MENEZES, M. P. A discriminação de gênero na escola. **Revista Fórum Identidades**, v. 10, n. 10, p. 127–138, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1710>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

BRAGANÇA, C.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais [...]** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SEGATO, R. L. **Las estructuras elementales de la violencia**. Buenos Aires: Prometeo; Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SILVA, C. G. da et al. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/Brasil. **Interface**, v. 27, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCWrBfNFyn5st3DW7MW8FVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2025.

THOMPSON, J. B. **Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass communication**. Cambridge: Polity Press, 1990.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

---

## Declaração de contribuição dos autores

Todos os dois autores contribuíram com a produção do artigo. Todos eles participaram do levantamento de dados e colaboraram na redação e revisão do artigo. Ambos contribuíram na redação de todas as seções do artigo, da revisão teórica, dos resultados e do resumo.

## Declaração de uso de IA

Os autores não fizeram uso de ferramentas de Inteligência Artificial na produção deste artigo científico.

## Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram para o aprimoramento do texto.

---

*Artigo recebido em: 02/02/2025*

*Artigo aprovado em: 19/04/2025*

*Artigo publicado em: 22/04/2025*

### COMO CITAR

COSTA, R. P. C.; ARAÚJO, J. Assédio escolar e desigualdade de gênero: uma análise de discurso crítica de postagens com a hashtag #exposedfortal. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-19, e02501, 2025.